

CRATO

A CIDADE DA GENTE

Luciana Nabuco e Otávio Nazareth
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Olavo Costa e Jordí**



A coleção A CIDADE DA GENTE já passou por várias cidades brasileiras, de norte a sul, e chega agora a Crato, nesse livro muito especial. Para produzi-lo, estudantes e professores das escolas municipais investigaram e criaram textos sobre os patrimônios materiais, imateriais e ambientais da cidade e a relação cotidiana da população com essas riquezas.

Além de promover a leitura e a escrita, e contribuir para que as crianças e adolescentes conheçam e valorizem o lugar onde vivem, os livros da coleção se tornam importantes referências de conhecimento sobre as cidades retratadas e ferramentas perenes para abordar, nas salas de aula, os temas locais a partir do olhar da comunidade escolar. Por tudo isso, o projeto A CIDADE DA GENTE recebeu, inclusive, um importante prêmio: o Retratos da Leitura, do Instituto Pró-Livro - 2019.



Acesse
para ouvir a
audiodescrição
do livro

Conheça os alunos e
professores que são
coautores deste livro



CRATO

A CIDADE DA GENTE

Luciana Nabuco e Otávio Nazareth
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de Olavo Costa e Jordí



OLHARES

São Paulo 2023



Imagine um lugar encantado... Projete em sua imaginação uma terra de riquezas naturais singulares e exuberantes. De tão bela, somente palavras não dão conta de dimensionar sua graça e magia. O nome desse pedacinho de chão é Crato. Para quem é daqui, o mais bonito do mundo. Para quem não é, admirável e fácil de provocar paixões.

Berço da Chapada do Araripe, área que abriga o primeiro Geopark das Américas, terra onde viveu a primeira mulher presa política do Brasil, Bárbara de Alencar, e dos indígenas kariris, povos originários e grandes guerreiros, nosso Cratinho de Açúcar é uma localidade de pioneirismos e pessoas visionárias. Não por acaso, o seu maior patrimônio é, indiscutivelmente, a sua gente. Um povo sorridente, brincante e acolhedor, que não teme desafios e cria soluções inovadoras em prol da vida corriqueira.

É, aliás, o cotidiano do Crato que fascina. Ouvir pela manhã homens cantando e tocando na praça Siqueira Campos, Mestra Zulene dançando e ensinando coco e maneiro-pau, comerciantes negociando objetos de toda categoria na feirinha de troca ao lado do canal, o professor Ulisses passeando de bicicleta com seu cachorro e sua flauta, as famílias andando à noite na praça da Sé, Raul Lampião fazendo sua publicidade vestido de cangaceiro, as pessoas fazendo fotos com os animais da Expocrato, o banho na cascata, a sorte de ver um soldadinho-do-araripe e tantas outras coisas.

Para um lugar assim, de pessoas cativantes e natureza arrebatadora, só faltava um livro que reunisse todas essas histórias e casos diários. A partir desta obra, não falta mais. Aqui, caro leitor, você encontra as lembranças, as vivências e os sentimentos do Crato, suas dádivas materiais e imateriais narradas por aqueles que são seus escritores e, por vezes, protagonistas dos acontecimentos: crianças e jovens cratenses, estudantes de escolas públicas.

Este livro é um presente da Ambiental Crato, por meio do Instituto Aegea, para os cratenses e para a memória do município. Um tesouro narrado pelos filhos daqui, expondo a diversidade e os motivos pelos quais há tanto amor por esse lugar. Por isso, desejamos que nas próximas páginas, você tenha um encontro demorado e feliz com os locais e o povo dessa terrinha ilustre. Que ao acabar de ler, perceba que o Crato é um município de habitantes que se orgulham e amam o seu lugar, mas que também conseguem dividi-lo com os estrangeiros que se apaixonaram por ele. Porque o Crato não é a morada de um, é a casa de muitos, é a cidade da gente.

Ambiental Crato e Instituto Aegea

Ama-se, compreende-se, cuida-se do que se conhece. Assim, conhecer o lugar onde vivemos e suas características geográficas, históricas, culturais e sociais nos ajuda a compreender o nosso espaço, bem como nos impulsiona a contribuir com ações propositivas e transformadoras.

A Ambiental Crato, através do Instituto Aegea, em uma feliz e inspiradora iniciativa e em parceria com a Prefeitura Municipal do Crato, através da Secretaria Municipal de Educação, patrocinou o desenvolvimento, numa construção coletiva, do livro Crato – A cidade da gente.

Participaram dessa elaboração professores e alunos do Ensino Fundamental II da rede municipal. As escolas escolhidas foram:

- EEF Dom Quintino
- EEF Estado da Paraíba
- EEIEF José do Vale Arraes Feitosa
- EEIEF Raimundo Nonato de Souza

Esse projeto, de suma importância, proporcionou um olhar in loco das nossas belezas naturais, uma aquisição de conhecimentos de cunho histórico-cultural e a identificação de personagens que marcaram indelévelmente a nossa história.

Vale ressaltar que este livro tem como narradores e escritores crianças e jovens cratenses de escolas públicas, e certamente se constituirá um importante instrumento de trabalho em toda a rede de ensino, quer seja pública ou privada.

Crato, cidade inspiradora, precursora de relevantes fatos históricos e culturais, de povo acolhedor, quem a conhece não esquece jamais.

Agradecemos, na oportunidade, aos gestores, aos professores e aos alunos que contribuíram para a realização, de forma significativa, deste grande projeto.

Germana Maria Brito Rodrigues Alencar
Secretária Municipal de Educação



SUMÁRIO

- 10** CHAPADA DO ARARIPE
- 20** SÍTIO FUNDÃO
- 24** RIO BATATEIRAS
- 28** AÇUDE UMARI
- 34** FESTA DE SÃO SEBASTIÃO
- 38** CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO
- 42** MONUMENTO A NOSSA SENHORA
- 46** PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS
- 50** EXPOCRATO
- 54** SOLIBEL – SOCIEDADE LÍRICA DE BELMONTE
- 58** MESTRES DA CULTURA
- 66** MESTRE ELÓI TELES DE MORAIS
- 70** FÁTIMA CORREIA E A ACADEMIA DE CORDELISTAS DO CRATO
- 74** MUSEU LUIZ GONZAGA





“Eu vou pro Crato
Já não fico mais aqui
Cratinho de açúcar
Coração do Cariri”

Luiz Gonzaga, nascido no sopé da Chapada do Araripe, na cidade de Exu, em Pernambuco, cantou o Crato docemente. “Cratinho de açúcar, tijolo de buriti”, lugar onde se é bom viver, onde se tem saudades e música e silêncio são fontes de inspiração.

O apelido carinhoso vem da produção de açúcar e produtos derivados, como nossa tradicional rapadura, no século XVIII. Mas também do jeito afetivo e hospitaleiro de uma cidade marcada por uma história tão adocicada por expressões da cultura popular e riquezas naturais.

Nossa cidade teve alguns nomes como Missão do Miranda, Missão dos Cariris Novos, Aldeia do Brejo Grande, Vila Real do Crato e, em 1842, ganhou em definitivo o nome Crato.

Em seus arredores, nessa terra banhada por muitos rios, habitavam na sua origem diversas etnias indígenas, como os guariús, os xocós e os kariris. E você sabia que na língua tupi a palavra “kariri” significa “silencioso”?

Toda música precisa de silêncio para nascer e também para ser ouvida em todas suas nuances. As histórias que contaremos aqui sobre alguns patrimônios históricos, culturais e ambientais dessa nossa terra querida foram ouvidas com toda atenção e carinho por alunos e professores de quatro escolas da rede municipal de ensino da cidade. Como se observássemos o voo do soldadinho do Araripe, passarinho que na sua singeleza indica o caminho das águas. Para ouvir a beleza da vida e fazer música, o silêncio é o início de uma encantadora caminhada, refletida na poesia do cordel, na sonoridade das zabumbas do reisado, na flauta soprada das brincadeiras de gente velha e moça, nas águas movimentadas dos rios, nas múltiplas cores das vegetações e nos sabores das comidas, que se tornam ainda mais únicos porque guardam a saudade dos que foram e desejam também retornar como na canção de Luiz Gonzaga.

Essa é nossa cidade, terra doce, doce cantinho do Crato.

CHAPADA DO ARARIPE

EEF Estado da Paraíba

Professores Paulo César B. da Silva e José Henrique M. Silva

8º ano A

— João, o que achou do passeio na Chapada?

— Aqui o silêncio é diferente.


Com essa simples resposta, na volta da visita feita pela turma a um dos mirantes de onde se vê de cima o Crato e até Juazeiro do Norte, o aluno João Emanuel Gondim parecia falar sobre muitas coisas. O contato com a natureza e suas sensações, a mudança de clima e de cenário. A valorização que aquele lugar merece ter.

Estar aqui nesse pé de serra fresquinho no meio do sertão foi o que moldou toda a história do Crato e levou a cidade a ser o que ela é, um lugar de referência e desenvolvimento para todo o semiárido cearense.

Depois de aulas, conversas e pesquisas de campo, a Maria Rita e o Jonatha Iago fizeram esse texto para te contar sobre as características naturais da região:

A Chapada desempenha um papel importante nas condições climáticas locais: devido a sua elevada altitude, ela funciona como uma barreira natural que “prende” a umidade do “lado de cá” (lado da encosta voltada para o município do Crato) tornando comum a ocorrência das chamadas chuvas de relevo (orográficas). Por isso, “aqui na chapada é sempre fresco e sombreado”. Diz-se que “a chapada é considerada uma caixa-d’água e graças a ela é possível receber água em nossas casas”. A chapada do Araripe faz do Crato um “oásis no meio do Sertão Nordestino”.

Maria Rita de Oliveira Dutra e Jonatha Iago Lima dos Santos



O Talles também poetizou lindamente o sentimento de todos sobre essa grande escultura natural.

Proteger a fauna e a flora
É algo que se faz entender
Porque a mãe natureza
Que o ser humano ofende
Tratar bem dela é compromisso
Que a Escola Paraíba aprende

A floresta é queridinha
Da mata seca ao cerradão
Mata úmida e cerrado
Carrasco tudo e vegetação
Atende por caatinga
É paisagem do sertão

É nas matas do Araripe
Que as aves fazem seu ninho
Desde os répteis aos mamíferos
Temos um lindo passarinho
E soldado do Araripe
Chamado de Soldadinho

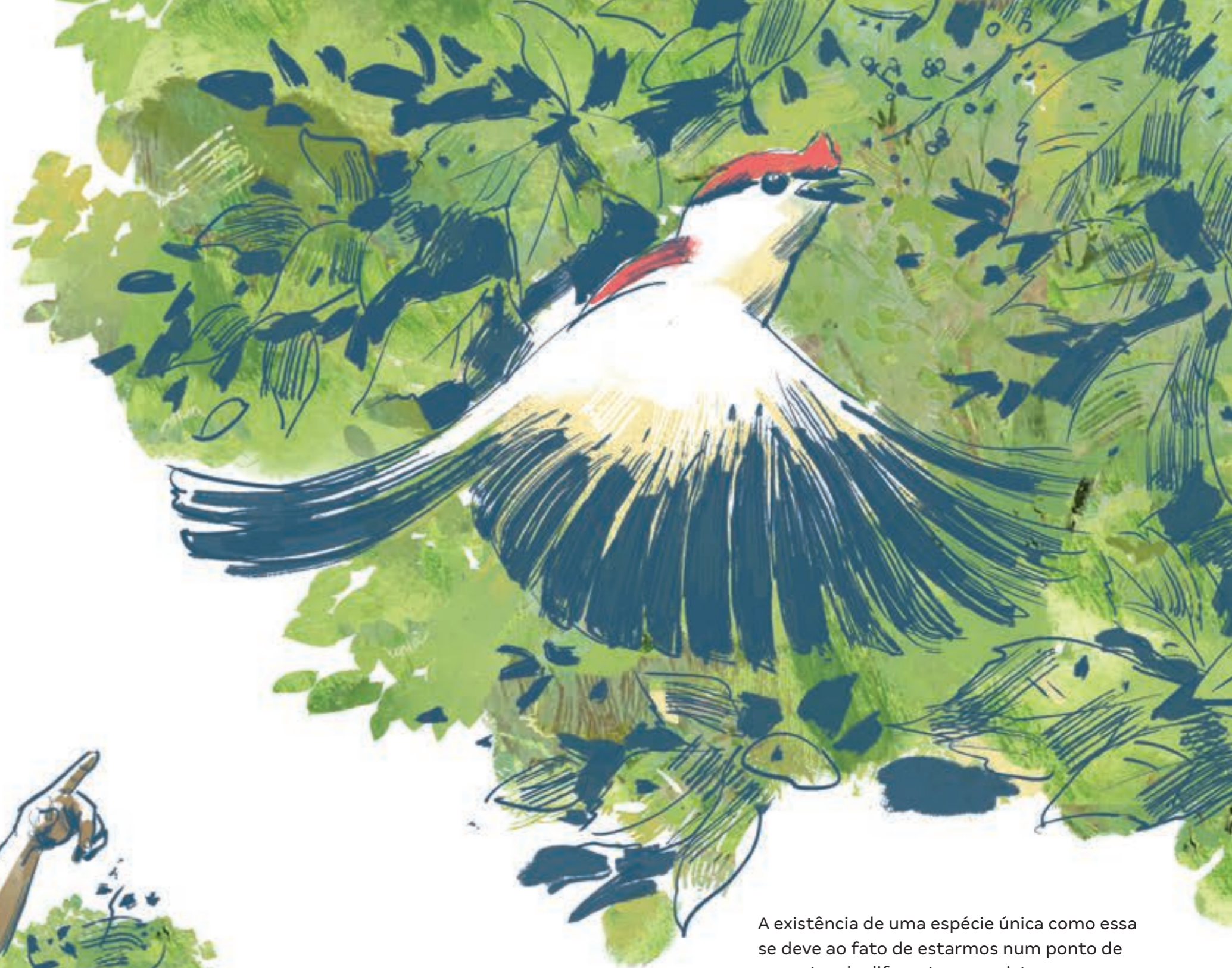
E ainda eu assumo
Da chapada preservar
Os sítios arqueológicos
Quando o sertão era mar
Pois na história do mundo
Até isso vou contar
Talles Vinicius Lima Barros

Você reparou que já falamos do Soldadinho nas páginas anteriores? Esse passarinho, na verdade, é difícil de avistar. Mas quando isso acontece é um sinal de que a área está bem preservada. Ele é uma espécie endêmica da Chapada, ou seja, só existe por aqui, e por isso foi um dos temas que mais animou os alunos em suas investigações.

Era uma manhã de terça-feira, saí de casa muito cedo em direção a minha escola onde iria acontecer uma aula de campo que se tornaria um divisor de águas na minha vida, pois se tratava de uma luta que poucos estavam dispostos a encarar, que era a sobrevivência de um passarinho.

O Soldadinho se alimenta de pequenos frutos que caibam no seu pequeno bico e de insetos. Marca seu território cantando principalmente ao meio-dia e somente o macho é o cantador. Depois de saber todas essas pequenas particularidades, me fiz uma pergunta. O que posso fazer para que essa ave não desapareça por completo da minha querida Floresta Nacional? Ao sair daquele santuário de vida silvestre, senti uma estranha sensação de que de alguma forma aquela causa era minha também. Pela primeira vez na vida senti que fazia parte de algo maior.

Sophia Ribeiro Ângelo



A existência de uma espécie única como essa se deve ao fato de estarmos num ponto de encontro de diferentes ecossistemas, e o bacana é que isso transforma nossa região num celeiro para a variedade da natureza.

Falando em variedade, você já ouviu falar sobre o pequizeiro e a janaguba? São duas árvores típicas do cerrado que, além de representar sua biodiversidade, têm usos que já são tradições do povo cratense.

A turma aprendeu muito sobre o pequi, essa fruta que, como diz o pessoal por aqui, “é remédio porque cura e chefe de família porque dá sustento”. Pois é, uma das graças do relato são as expressões populares usadas quando o assunto é pequi. Veja só.

A coleta do pequi obedece a uma sequência de etapas bem específicas. É preciso “colher o pequi no tempo certo”. Assim, “quando o pequi cai tem que passar 24 horas para a colheita” do contrário o pequi não irá “rolar” (soltar o caroço da casca). É importante esperar que o pequi caia, pois não é possível identificar quando está no ponto certo (maduro). Assim, “o pequi é que diz quando pode ser colhido”.

Do pequi se extrai o famoso óleo de pequi, cuja produção tem diminuído bastante nos últimos anos, principalmente pelo seu modo de produção, que demanda técnica e bastante tempo. Ele é utilizado na culinária, na famosa pequizada, no baião de dois com pequi e na galinhada com pequi, e na fabricação de cosméticos e medicamentos naturais.

Na cultura popular acredita-se que, ao misturar o óleo do pequi com um perfume, ele se torna mais intenso, duradouro e afrodisíaco. Torna-se “cativante”.

Ana Davila Oliveira de Sousa, Emilly Lira Pereira, Hariane Huno Sousa de Montes, Maria Amanda de Sousa Lima, Maria Nabell Dutra Souza, Miguel Rocha Andrade Nunes e Talles Lira Pereira

Com tantos valores naturais e culturais, nossa Chapada se tornou, décadas atrás, uma das mais antigas áreas de conservação do Brasil — aquelas protegidas por lei — e sua primeira Floresta Nacional. E isso é arretado de bom. Por quê? Porque ajuda a garantir que ela se mantenha do jeitinho que é.

A flora da Chapada do Araripe apresenta uma grande diversidade de espécies vegetais. Nela podemos observar espécies da Caatinga, da Mata Atlântica, do Cerradão, do Cerrado e do Carrasco (uma área de transição entre o bioma de Caatinga e Cerrado). Parte dessa diversidade encontra-se protegida por lei graças à criação da Floresta Nacional do Araripe-Apodi (FLONA ARARIPE), a primeira unidade de conservação desse tipo criada no território brasileiro e considerada a mãe das Florestas Nacionais do Brasil. Sendo instituída formalmente em 2 de maio de 1946, a partir do Decreto 9.226, ela já possui 77 anos de existência e atualmente vem sendo administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio).

A Floresta Nacional do Araripe-Apodi é considerada uma unidade de conservação de uso sustentável, permitindo o uso de seus recursos de forma direta e indireta. Pois, “podem receber turistas, e também podemos mexer na natureza em dias e quantidades corretas, para que a natureza possa se recuperar. Uma das formas mais comuns de uso desse espaço é a realização de trilhas, o ecoturismo. Entre elas destaca-se a trilha do Picoto, com mirantes de grande beleza cênica como o do Belmonte, e a do Saco, de onde avistamos os municípios do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Alice Helena Machado, Elizabeth Silva Costa e Williany Isabely Alves de Brito

SÍTIO FUNDÃO

EEF Dom Quintino
Professor Esdras do Nascimento Ribeiro
8º ano A

Descendo de volta para a cidade, e o verde vai ficando para trás, mas a apenas três quilômetros do centro a gente chega no Parque Estadual Sítio Fundão. Em suas trilhas ecológicas, os visitantes interagem com a flora natural do pé da serra, curtem o rio Batateiras, uma das principais fontes de água do Crato, e, se derem sorte, ainda podem observar animais como o tatu, o veado ou mesmo o tamanduá. Uau, imagina só! Eles se escondem dos visitantes, mas moram por ali.




Outra coisa superlegal de conhecer no Sítio são as ruínas de um velho engenho de madeira do século XIX e de construções de pedra, usadas para a produção de açúcar. Acabou? Não, tem também uma casa de taipa onde moravam os proprietários, única no Ceará desse tipo com dois andares, que virou um pequeno museu com amostras da flora, da fauna, da geologia e de como era a vida no local.

Aliás, o último sitiante, seu Jéferson de Franca Alencar, foi um pioneiro do ambientalismo. Ele fazia de tudo para preservar a natureza do Fundão. Foi graças a ele que o lugar virou o patrimônio que é hoje, para todo povo da cidade aproveitar.

Fim de Semana Divertido

Eu me reuni com amigos e fomos todos para conhecer o famoso Sítio Fundão. Quando chegamos perto do lugar, todos nós ficamos impressionados com sua beleza. Encontramos pássaros cantando. Era muito bom escutar o barulho da água e do vento balançando as árvores. O rio correndo no seu leito de pedras virou um parque para nossa turma. Foram risadas, pulos e correria, além de muitas brincadeiras. O dia passou rápido demais, nem vimos o tempo passar. Ao chegar a hora de voltar para casa, nenhum de nós queria sair de dentro da água. Foi muito difícil deixar aquele lugar tão gostoso de passar o tempo e tão bonito, mas era hora de ir. Recolhemos todo o lixo e não deixamos nada que pudesse sujar aquele lugar lindo. No caminho de volta para casa já planejamos a nossa próxima volta para aquele lugar.

Jonas Paulo Sales Leite de Oliveira

A vibrant illustration of a forest path. In the foreground, three children are seen from behind, walking away from the viewer. The path leads through lush green trees and foliage. In the distance, two figures, likely hunters, are visible on a sandy bank. The scene is bright and colorful, with a clear blue sky and dappled sunlight on the ground.

Para falar sobre o Fundão, esse lugar pleno de histórias, a turma produziu vários contos fantásticos, um tipo de relato cheio de imaginação e surpresas.

O pássaro mágico

Era uma vez dois jovens que adoravam a natureza. Todo dia de manhã eles passeavam e faziam trilha no Sítio Fundão. Em um dia de manhã eles avistaram um lindo passarinho que nunca tinham visto antes. Então resolveram se aproximar mais, porém o pássaro voou longe ao perceber. Os jovens entristeceram, mas resolveram ir atrás daquela linda criatura.

Depois de tanto procurarem, resolveram descansar, pois tinham caminhado bastante. Logo depois de um tempo, viram duas pessoas parecidas com caçadores, então resolveram segui-los em silêncio. Esses caçadores de tanto caminhar também avistam o pássaro, que estava comendo alguma coisinha no chão. Então, os caçadores jogaram a rede nele e os meninos avançaram nos caçadores para proteger o pássaro, mas foram presos pelo homem e acabaram amarrados a uma árvore. Os caçadores colocaram fogo na mata, mas por sorte começou a chover bastante e logo o fogo apagou. Quando a chuva acabou e apagou o fogo, os bombeiros chegaram e libertaram os meninos. Mais tarde os meninos explicaram o que tinha acontecido, e a polícia conseguiu prender os caçadores e o belo pássaro pôde ficar em segurança.

Ysabelle Maria Vanderlei Dias e Evelyn Esmeraldo de Sousa

Essa história que irei contar é sobre um espírito guardião que protegia os animais do Sítio Fundão. Esse espírito protegia aquele local como forma de retribuir tudo o que as pessoas fizeram para a floresta. Um dia um homem foi escolhido para ser o novo protetor daquele lugar e ganhou de presente algumas habilidades, como, por exemplo, a de se transformar em um ser meio animal, meio humano. Desde, então, aquele homem abraçou a missão de proteger o Sítio Fundão.

Halysson Borba

RIO BATATEIRAS


EEF Estado da Paraíba
Professores: José Henrique M. Silva e
Paulo César B. da Silva
8º ano B

O rio Batateiras é uma das atrações do Sítio Fundão, mas antes de passar por ali ele cumpre uma importante função. A água que se bebe no Crato vem em boa medida de sua nascente, e para captá-la bem limpinha há um engenhoso sistema de canos que sobe serra acima. As crianças foram lá conferir. Veja esse relato incrível da Joana Darc sobre a excursão.

Acordamos bem cedinho e nos reunimos na escola para subirmos a Chapada. O sol estava encoberto por uma cerração e parecia que estávamos nas nuvens. Entramos na mata e a cada passo que dávamos, me lembrava dos tempos que meus antepassados passeavam felizes por essa vegetação, os indígenas cariris. A cada momento que a mata parecia nos engolir escutava ao longe o barulho suave de água. Sempre andando em fila indiana a pedido do trilheiro para não nos perdermos. A sensação que eu tinha é que estava no paraíso, num lugar intocável, onde se podia viver eternamente. Observei também uma antiga construção de um velho e grande tanque que, segundo o trilheiro Hugo Rocha, era onde se mantinham as águas represadas para a captação de força motriz para produção de energia elétrica. A nossa cidade foi a primeira em produção de energia elétrica do sul do estado e do interior do Nordeste.

A nascente mantém-se ainda protegida pela mata úmida da encosta, como área de proteção ambiental, porém ao descer a encosta o rio perde toda a sua preservação devido ao desmatamento, construção de casas, chácaras, sítios e balneários privados. Ainda vimos as espécies de vegetação natural como o coco babaçu, o coco babão, a macaúba, sendo essa ameaçada e lançada aos fornos das padarias da cidade. Para concluir esse passeio, vi com alegria através dos cantos dos pássaros e do clima agradável que a mata conserva, que ele ainda resistiu ao progresso urbano. Que minha geração ainda aproveite suas riquezas, rodeando de paisagem a cidade e permitindo as chuvas nesse pequeno oásis no sertão nordestino.

Joana Darc Pociano Barbosa



Nas histórias e nas mitologias do mundo inteiro existe um elemento muito importante que é a água. Para muitos povos a água é a origem de tudo o que existe, e grandes civilizações nasceram por estarem perto de rios e mananciais. Para o Juan, foi incrível descobrir que esse universo mágico existe bem aqui no Crato.

As lendas da pedra do rio Batateiras

Descobri que na minha região também tem contos e fábulas muito bonitos, que contam histórias de personagens que já tinha ouvido falar mas nunca tinha sentido tão próximos a mim.

Reza a lenda que escondida nas matas da Floresta Nacional do Araripe existe uma baleia-azul que ficou presa debaixo da terra quando o oceano recuou até o litoral. Os indígenas que a ouviam cantar através das fontes mantinham-na presa, pois, se ela viesse a se soltar, acabaria com toda a tribo que estava acima dela, com uma grande inundação. E quando ela canta é sinal de que as fontes estariam secando.

Para manter os intrusos fora da floresta, também existem outros personagens de grande valor. O Pai da Mata, um ser parecido com uma árvore que com seus galhos e cipós e com ajuda de outro personagem, a Caboclinha, afugenta os caçadores e os lenhadores. Quando a mãe da lua (pássaro) canta à noite, é sinal de que eles estão chegando para castigar os intrusos que ameaçam a floresta.

E tem a Caipora, que, quando se sente o cheiro de fumo, é sinal de que ela está por perto. Dotada de uma grande velocidade e invisível, costuma apagar fogueiras, faz tranças no rabo dos cavalos, rouba e esconde as comidas dos homens.

A lenda diz que ao entrar na Floresta do Araripe deve-se bater três palmas e pedir licença ao Pai da Mata, não se deve assobiar para não irritar a Caboclinha, e deve-se levar um punhado de fumo preto e colocar num tronco de árvore como oferta para a Caipora. Feitas essas três coisas você estará livre de ser chicoteado ou se perder na mata sem comida e sem água, e sua alma não será levada para debaixo do chão onde a baleia está. Depois que eu ouvi essas histórias, olhei com outro olhar para aquela linda floresta.

Juan Guilherme de Souza Teles

AÇUDE UMARI

EEIEF Raimundo Nonato de Souza
Professora Cicera Cristina Cardoso da Silva
7º ano A

Se o rio Batateiras é uma das principais fontes de água do Crato, seu maior reservatório fica já na área rural. É o açude Umari. Quem pesquisou sua história foi a turma da Escola Raimundo Nonato, do distrito de Dom Quintino, pertinho do local. A pesquisa foi uma bela oportunidade de conhecer melhor esse bem tão precioso para o município.

A Lara Marina Silva de Sousa relatou como foi a visita ao Umari em um diário. “Quinta-feira, 18 de maio de 2023. Esse foi o dia agendado para conhecermos de perto o nosso objeto de estudo.” Era o início de um longo relato em que ela contou tudinho desde a hora em que saíram da escola. Disse até que choveu no dia e que “o percurso foi cheio de adrenalina”.

Depois de observar bem o açude voltamos para a escola. Ao chegar na sala a professora Cristina nos passou alguns detalhes sobre o açude. Por exemplo: sabe-se que ele é o maior reservatório de água da cidade de Crato, tendo capacidade para armazenar 28,7 milhões de metros cúbicos; foi concluído em 1982 e a última vez que sangrou foi em 2009. O açude Thomas Osterne recebe água do rio Carás, um afluente do rio Salgado. Tem grande importância pois abastece o distrito de Ponta da Serra, maior do município do Crato, que possui cerca de 10 mil habitantes e em 2019 chegou a ofertar, por caminhões-pipa, água para localidades dos municípios de Tarrafas e Farias Brito. No período que apresenta maiores volumes o reservatório é responsável pela irrigação e pela perenização do Vale do Carás, onde estão um dos solos mais férteis do Cariri, que vai de Crato a Missão Velha.

Como contou a Lara, a turma saiu cedinho para visitar o açude. Após uma pausa da chuva todos puderam apreciar a vegetação, andar pela área e tirar muitas fotografias. E quando temos o tempo da contemplação, nasce poesia que alimenta e reinventa.

Eu vou falar do açude Thomas Osterne de Alencar
Uma das alegrias da minha linda cidade Crato, Ceará.
Falar da sua grande capacidade de armazenar
histórias, águas e memórias.
Falar do privilégio que é morar nesse lugar.

Em suas águas lindas os peixes pulam
O sol bate, pessoas trabalham
Famílias fazem e contam histórias.
Ah! Thomas Osterne de Alencar
Qual é o tamanho da tua grandeza?
Não consigo expressar.
Gabriel Ryan de Souza e Lucas Ramalho

O Umari

No açude Umari
Tem gente que gosta de andar de jet-ski
No açude Umari há
Alegria que não se encontra em qualquer lugar
Faça como o Cidade da Gente
E venha também apreciar
Beleza, cultura e história
De um lugar singular.

Pedro Henrique da Silva e Ana Beatriz da Silva Barbosa

Quando vejo aquelas águas cristalinas
Que alegria me dá
Ah! Vontade de mergulhar.
Porém eu não sei nadar.
Nosso Açude Umari
Queira vir visitar
E nadar em suas águas
Ou quem sabe até pescar
Se isso não lhe atrair
Venha mesmo assim
Conhecer a vastidão do maior reservatório
Do meu Cratinho querido, meu amado torrão.
Jean Ferreira e Victor Kawã Paulino





Com base no conhecimento adquirido, as crianças trouxeram detalhes sobre o açude que vão se juntando em um grande quebra-cabeça. Elas estudaram, por exemplo, sobre Thomaz Osterne de Alencar, idealizador do projeto, e colocaram em versos esse fragmento da história.

Um sonhado projeto

Um coronel e um projeto
Onde isso ia parar?
Com tantas reuniões um açude iria formar.
Antes de ser construído foi feita uma exploração
Famílias que ali moravam precisavam de atenção
Perderiam suas casas? Isso daria confusão.
Vamos remanejar as famílias com muita educação
Foi assim que sucedeu o tal sonhado projeto
Da criação desse reservatório
que abastece distritos do nosso amado Crato.
Gustavo Rodrigues

Ele é lindo, brilha
Sua água é limpa
Tem sua beleza própria
Desperta em mim lembranças
Das histórias ouvidas
Sobre a sua importância
Como esquecer a visita
A esse lugar tão ímpar?
Que saibamos apreciar
Pois a cidade da gente
Nos deu um outro olhar.
Maria Danieli Gonçalves e Antônia Yarla Máximo

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

EEIEF Raimundo Nonato de Souza
Professoras Aline Lacerda Lima e Maria de Fátima Sousa
8º ano B

Todo mundo comemora quando se inicia um novo ano, mas o distrito de Dom Quintino, na área rural do Crato, tem um motivo a mais. É que acontece em janeiro, por dez dias, a festa de seu padroeiro, São Sebastião. Tradição antiga que movimenta a comunidade e atrai visitantes de toda parte.

São Sebastião é um santinho que nasceu na França, mas é comemorado em todo o Brasil. A festividade na nossa cidade foi criada por volta de 1896 em uma vila em que hoje fica o distrito de Dom Quintino. Padre Cícero fez a doação da imagem do santinho e se tornou padroeiro.

O Santo São Sebastião virou devoção do nosso povo, pois houve uma grande seca no Nordeste e diziam os antigos que ele protegia da fome, da peste e da guerra. E então, em 1896, do dia 10 ao 20 de janeiro, se iniciou a festa religiosa e social. Essa festa é de grande importância pela tradição, economia, momento de fé, agradecimento e lazer.

Cícero Mateus Leandro de Sousa e Lindemberg de Souza Silva

Acostumada a brincar na festa, a turma ficou intrigada para entender a origem desse culto a São Sebastião, tão comum Brasil afora, e descobriu informações que nunca mais serão esquecidas.

Durante o reinado do Imperador Diocleciano havia grande perseguição aos cristãos. Sebastião difundiu suas crenças e ajudava os cristãos. Isso levou à sua prisão de Sebastião e sua condenação à morte. Ele foi amarrado e flechado, mas sobreviveu milagrosamente. A viúva Santa Irene cuidou de suas feridas. Ele a converteu ao cristianismo, mas a liberdade não durou muito tempo. Diocleciano descobriu que ele ainda vivia e ordenou que fosse açoitado até a morte.

José Ytalo Mendes Avelino

E a festa em si, sempre foi igual? Essa foi uma das curiosidades da Raiane.

Segundo os mais velhos, as festas de antigamente eram mais bonitas, mais enfeitadas do que as de hoje. Os parques de diversão eram marcantes nas ruas da Caixa e do Comércio. Também tinha bandas cabaçais, bailes cinemas... Enfim, era realmente um período muito aguardado pois Dom Quintino não tinha outra festa além da festa do padroeiro.

Raiane de Melo Rodrigues Santos



CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO

EEF Estado da Paraíba

Professoras: Sandra Maria Xenofonte Sousa, Jucileia T. Muniz e Jeania de Brito Gonçalves
8º ano (COMVIDA – Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida)

E se o assunto é devoção, temos muitas histórias. Aliás, conhecer a história de um lugar pode mudar completamente a experiência de visitá-lo. É o que aconteceu com a turma que foi até a vila onde ficava o sítio Caldeirão, do beato José Lourenço.

A capela branca com detalhes azuis resiste ao tempo ao lado de poucas construções, um cruzeiro e, no alto, as ruínas da residência do beato. O cenário pacato de hoje é onde se encontrava uma próspera comunidade no início do século passado, e foi também cenário de um dos maiores massacres da história brasileira, como os alunos nos contam a seguir.

O Caldeirão Santa Cruz do Deserto foi uma comunidade fundada pelo beato José Lourenço com ajuda do famoso Padre Cícero, em meados da década de 1920. O beato tornou-se líder da comunidade e dedicou-se à religião e à caridade. Apesar de analfabeto ele era quem dividia as tarefas, ensinava agricultura e medicina popular. E pessoas que precisavam de ajuda para trabalhar e obter sua fé eram enviadas pelo padre Cícero.



O Caldeirão Santa Cruz do Deserto teve um fim trágico e violento. Em 1937, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, a comunidade foi alvo de uma repressão brutal por parte das autoridades e dos latifundiários locais. As casas foram destruídas e as plantações foram arrasadas. Os moradores foram expulsos à força, dispersando-se e espalhando seus membros por diferentes regiões. A ação foi violenta, resultando na morte de mais de mil pessoas, entre elas mulheres e crianças.

O beato Zé Lourenço tornou-se um símbolo da luta por justiça social, e seu sacrifício é lembrado até hoje como um símbolo de resistência.



O Caldeirão propunha uma vida comunitária e alternativa à sociedade capitalista. A comunidade era composta principalmente de agricultores e artesãos, e cada pessoa tinha uma função específica de acordo com suas habilidades e aptidões. Alguns membros se dedicavam à agricultura e eram responsáveis pelo plantio, cultivo e colheita dos alimentos produzidos no Caldeirão. Outros trabalhavam na criação de animais, como porcos e aves, para a produção de carne e produtos derivados. Havia também pessoas encarregadas da produção de bens manufaturados, como tecidos, cestos, vassouras e instrumentos agrícolas.

Além disso, havia atividades de cunho religioso, como a organização de cerimônias e festas religiosas, que eram conduzidas pelos líderes espirituais da comunidade. Por fim, o Caldeirão contava com estruturas de apoio, como uma escola, uma enfermaria e uma padaria, onde os membros podiam adquirir conhecimentos, receber cuidados de saúde e obter alimentos.

Compartilhar é um elemento essencial da coexistência de Caldeirão. Os bens produzidos e adquiridos pela comunidade eram distribuídos de forma equitativa, atendendo às necessidades de cada indivíduo e família. Essa abordagem permitia que todos tivessem acesso a recursos básicos como alimentação, moradia e vestuário, reduzindo as desigualdades sociais internas.

A convivência no Caldeirão Santa Cruz do Deserto é caracterizada por uma forte solidariedade emocional e apoio mútuo. Os residentes ajudavam uns aos outros nos momentos de dificuldade, oferecendo apoio emocional, conselhos e ajuda prática quando era necessário. A comunidade se tornou uma grande família onde todos se sentiram bem-vindos e apoiados.

Jonatha Iago Lima, Maria Emilia Souza e Ingridy Maria de Souza



MONUMENTO A NOSSA SENHORA

EEIEF Prof José do Vale Arraes Feitosa
Professora Cleonice Vitorino da Silva
6º ano C

A devoção ao padre Cícero e sua influência na região formam um legado inegável no nosso município. E, hoje em dia, o turismo religioso que a peregrinação pelo Padim Ciço promove é algo que tem muito impacto não só em Juazeiro, mas também no vizinho Crato.

A indústria da peregrinação subiu a ladeira do Barro Branco em 2014 e mudou a vida do lugar. É o que nos contam as crianças da José do Vale, que pela janela das salas de aula convivem com a estátua gigante de Nossa Senhora de Fátima, situada a poucos metros da escola e enxergada à distância de todos os cantos da cidade.



Monumento de Nossa Senhora de Fátima da cidade do Crato no Ceará

No dia 21 de junho de 2014 foi inaugurado em nosso município o monumento de Nossa Senhora de Fátima.

Entrevistamos algumas pessoas para sabermos mais sobre a construção dessa imagem. Uma delas foi Anderson Alves, que é comerciante das barraquinhas. Ele falou que antes da construção esse local era uma área rural. Segundo ele, a construção foi um processo longo e o pai dele trabalhou ali. Segundo outra moradora e comerciante do local, cujo nome é Sâmia, o bairro cresceu, construíram casas, asfaltaram as ruas e geraram empregos.

Dona Vicência, de 64 anos e ex-vereadora da cidade, falou que mora aqui há 46 anos e que esse local era só mato, um mato chamado “malva branca”. Falou também que o movimento por aqui era parado. Ela disse que vinha olhar a construção, pois sua irmã fornecia alimentação para os trabalhadores que estavam construindo a santa. Ela disse que gostou das mudanças ocorridas, como conjunto habitacional, creche, ruas e avenida asfaltada. Ela e outros moradores esperam que melhore mais, que as autoridades cuidem do local com árvores, plantas e sombra.

Bruna Kauane dos Santos, Maria Amanda de Lima e Ana Vitoria Alves



Durante as entrevistas, as crianças também ouviram sobre a operação complicada de montagem da santa, finalizada com sua coroa trazida por um helicóptero. Graças a essa coroação, a estátua se tornou maior que o Cristo Redentor do Rio de Janeiro, com 45 metros de altura.

Milhares de pessoas foram à inauguração do Horto de Nossa Senhora, grande pátio onde há barraquinhas de comércio e uma bela vista. O bairro mudou para melhor, mas, segundo os pequenos cidadãos que falaram sobre o tema, muita coisa ainda pode melhorar.

Moro na cidade do Crato
A princesa do Ceará
E perto da minha casa
A santa mais bela que há.
Nossa Senhora de Fátima no interior do Ceará.

Os moradores daqui
Estão pouco satisfeitos
Dizem que falta muito
Pra o lugar ficar perfeito

Com árvores e bancos
Ficaria muito melhor
E aqui eu fico pensando
Se um dia acontecerá
E esse nosso bonito lugar
No interior do Ceará
Acolherá melhor
Aquele que aqui chegar.

**Cicero Kauê Costa, Layon Victor Dantas e
Ytalo Rafael de Souza**

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS

EEIEF Prof José do Vale Arraes Feitosa
Professores Erivaldo Vieira do Nascimento e
Paulo Cesar do Nascimento
6º ano B

A praça Siqueira Campos é um espaço da cidade em que, em outros tempos, havia uma agitada vida social.

Lá, os alunos conversaram com frequentadores, comerciantes e camelôs. Realizaram pequenas entrevistas e juntaram um verdadeiro “baú de histórias”. E o mais curioso: na conversa, contaram fatos de sua pesquisa que mesmo alguns dos mais velhos não conheciam.

A praça Siqueira Campos é um lugar onde as pessoas socializam, jogam dama, fazem amizades, até serve de um ponto para casais se encontrarem para namorar. A praça recebeu esse nome por causa de um homem chamado Manoel Siqueira Campos, que ajudou muito no crescimento econômico do Crato. Era um homem gentil e muito humilde. Em frente à praça, funcionava um cassino onde iam vários famosos, inclusive Luiz Gonzaga tocava para as pessoas dançarem. Nesse cassino também funcionava uma antiga sala de cinema. Antigamente existia na praça a estátua de Siqueira Campos, que foi retirada durante a reforma e não foi mais colocada no local.

Lorena Luise de Sousa Alves



A história da praça Siqueira Campos se mistura com a história da cidade. Investigá-la foi uma bela oportunidade de os alunos se embrenharem nessa teia de conhecimentos que os fez sentir que são cratenses para valer e a emoção da descoberta saiu em forma de poesia.



A praça Siqueira Campos
É uma praça conhecida
Onde lá muitas pessoas
Visitam todo dia
Gente nova ou de passagem
Se encontram com euforia.

Muitos conhecem a história
Do homem Siqueira Campos
Cidadão muito honesto
Para todos um encanto.

Lá na antiguidade
Havia um cemitério
Depois transformado em parque
Muitas coisas mudaram
Criou-se uma bela praça
Orgulho da cidade.



Siqueira Campos um homem
Muito gentil e genial
Ajudou muitas pessoas
Contribuiu para casamentos
Era realmente legal.

Sua bela história é
Conhecida e marcante
Trouxe o primeiro automóvel
De forma muito brilhante
Por todos foi homenageado
Por todos ainda é lembrado.
Cicera Adriele Saraiva da Silva

EXPOCRATO

EEF Dom Quintino
Professor Esdras do Nascimento Ribeiro
8º ano B

O maior evento agropecuário das regiões Norte e Nordeste do Brasil acontece há quase oitenta anos, sempre no mês de julho, bem aqui: é a Expocrato. Ela ocupou lugares diferentes no início, mas em sua quinta edição chegou definitivamente ao lugar que está até hoje, o Parque de Exposição Pedro Felício.

O Crato fica uma loucura no período da exposição, com mais de 50 mil pessoas chegando de todos os cantos do Brasil e até de outros países. E, claro, é uma data muito esperada também pelas crianças.

A turma investigou as origens do evento e sua importância para a cidade. Os alunos conversaram sobre suas memórias e depois procuraram saber com familiares algumas impressões de épocas passadas da Expocrato.

Por esses relatos descobrimos que a exposição é importante para o setor agrícola, mas as atrações vão além do comércio entre produtores. Tem parque de diversões, muitas barracas de comida e grandes shows. Fora que, com tanta gente circulando, muita coisa acontece também do lado de fora do evento.

No tempo da minha mãe as barracas eram feitas de palha, os shows eram abertos ao público, as coisas eram mais baratas para nós pobres. Quem vai hoje em dia é mais os ricos. Tinha folclore, mestre Elói. Minha mãe ia mais para comer o famoso “beiju” (espécie de tapioca feita com amendoim, coco ralado e rapadura), a maçã do amor, pastéis da “Maria dos Pastéis”. Os melhores shows foram com a banda Chiclete com Banana, Marília Mendonça, Calcinha Preta, Limão com Mel e Raça Negra. Ela gostava de primeiro ir ver os bichos para depois comer. Ela também gostava de Edson Gomes. Os piores brinquedos que ela já foi foram o trem fantasma e a barca porque ela tinha muito medo e o melhor brinquedo foi o samba.

Brenda Lima Ferreira



Meu pai relata que quando criança a Expocrato funcionava com barracas de palhas, os shows eram no picadeiro, os fotógrafos tiravam fotos para guardar de lembrança. O palco Elói Teles de Moraes era de palha, e o nosso ilustre cratense Humberto Cabral ficava comentando os leilões, sobre as histórias de Bárbara de Alencar e sobre o “Rei do Baião” Luiz Gonzaga.

Gustavo Alves Macêdo

Quando eu lembro da Expocrato, eu lembro das comidas típicas como: tapioca, filhós e caldo de cana. Gosto muito de ver os animais e de tirar fotos por lá, os animais mais bonitos são os pôneis, sempre desejei montar em um deles, mas nunca pude ter essa oportunidade. Amo as festas e as atrações que tem na Expocrato, curtir, beber, dançar, pular e cantar junto com os cantores. Assim falou a minha tia.

Luan Ferreira



SOLIBEL – SOCIEDADE LÍRICA DE BELMONTE

EEIEF Prof José do Vale Arraes Feitosa
Professor Erivaldo Vieira do Nascimento
6º ano A

O Crato é uma cidade musical. Se sua cultura é rica em muitas expressões, na música nem se fala. É algo que brota em cada canto da cidade. E, se hoje é assim, uma iniciativa lá de trás colaborou, formando muita gente ao longo do tempo. Tudo se deve à Sociedade Lírica de Belmonte, mais conhecida como Solibel. Quer conhecer melhor essa história? Pois então, pegue uma carona nesse relato envolvente dos alunos.



Um pouco da história da Solibel

Quando o padre Ágio chegou de São Paulo ele foi para a comunidade do Belmonte, povoado no sopé da Serra do Araripe. Lá ele ensinava os camponeses a tocar instrumentos musicais. Apesar de ser padre, sua paixão era a música. Fundou a escola no final da década de 1960 e começou a ensinar com poucos instrumentos, muitos deles emprestados.

O padre Ágio morava em uma capela e tinha um local ao lado que era a biblioteca dele, onde ele ensinava música. Além de padre era agricultor, cultivava os próprios alimentos, e isso contribuiu para sua vida longa, de 101 anos e 6 meses.

Os camponeses e os afilhados que se aproximavam dele, por ser padre, buscando a religião, acabavam encontrando a arte da música e a oportunidade de aprender algo diferente.

Quando o padre estava perto de morrer, entregou a escola nas mãos do governo do Ceará, que construiu um novo espaço, com salas de aula, doou novos instrumentos e contratou novos professores, a maioria formada pelo próprio padre e chamada de “crias do padre Ágio”.

A escola oferece cursos para tocar instrumentos de corda e sopro e possui cerca de duzentos alunos. As aulas são oferecidas nos turnos manhã, tarde e noite, totalmente gratuitas, e a procura maior é no turno da noite. O pessoal da escola pretende adquirir mais instrumentos e contratar novos professores para outros instrumentos.

Raissa Pamela Rodrigues, Maicon Rodrigues e Gustavo Rhyhan Marinho

O momento mais significativo da pesquisa, claro, foi quando a turma visitou e escola. Lá, eles ouviram depoimentos e toda a história do local, tiraram dúvidas, conheceram os instrumentos e souberam como são desenvolvidas as atividades.



Lá foi muito legal. A nossa experiência foi ótima, tanto com a história do padre como também com os instrumentos. Gostamos bastante. Esperamos um dia poder voltar lá e aprender mais um pouco sobre a música.

Raissa Pamela Rodrigues e Yorrana Santos Lima

Na apresentação da música, eu senti um encanto pela música. Senti uma felicidade que eu nunca havia sentido na minha vida. Senti meu corpo livre, como se estivesse no espaço.

Gustavo Rhyhan Marinho Batista



A escola Solibel ensina vários estilos musicais. A maioria dos professores foi formada pelo próprio padre Ágio. O padre Ágio era muito guerreiro e trabalhador, porque era padre, agricultor e músico. Na apresentação, a música era encantadora. A escola é muito bonita, e os alunos, só alegria.

Artur Almeida



Solibel linda e perfeita.

O amor pela música me faz feliz.

Lembro como era linda a escola.

Impecável o trabalho dos professores.

Beleza, Ágio escolheu.

Entendi que nunca devemos desistir.

Lembro de todos os detalhes daquele lugar.

Victor Gabriel Souza Feitosa

MESTRES DA CULTURA

EEIEF Prof José do Vale Arraes Feitosa
Professor Paulo César do Nascimento
6º ano D

A palavra cultura vem de cultivar: cuidar da terra para colher o alimento. Quando plantamos e cuidamos de algo é para poder colher seus frutos e alimentar nosso entorno. E a cultura popular é como a raiz de uma árvore bem antiga que nos acolhe, protege, dá sombra e frutos. A cultura que é transmitida pelos nossos mestres e mestras é alimento para futuras gerações. E o melhor: ela pode ser transmitida com alegria, nas brincadeiras, através da música, da poesia, da observação da natureza e da comunicação quando nosso coração está aberto ao mundo. Cultivar algo é levar pequenas sementes como os pássaros levam em seus bicos e ter a generosidade de partilhar.

Desde 2003, o estado do Ceará passou a reconhecer grandes mestres e mestras de sua cultura, em um programa oficial, e alguns deles são daqui do Crato, claro, porque em cultura popular, que se transmite de geração em geração, a gente aqui é milionário. E a turma que ficou com esse tema sensacional foi conhecer pessoalmente essas grandes figuras de nossa terra para nos contar mais sobre elas.



Mestre Aldenir

O Reisado é a anunciação do nascimento do Divino, do menino Jesus, uma tradição que chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses. Em Portugal os grupos se reuniam em pequenas aldeias para celebrar o nascimento e a chegada dos Reis Magos. A reinvenção religiosa permitiu que os temas cantados e contados misturassem o sagrado e o profano nessa celebração, com personagens encantados como a Sereia, o Curiabá, que é um dançarino com trejeitos de macaco, o Zabelê, outro personagem que dança como um pássaro, o Diabo, o Sapo Cururu, tudo ao som de toques de caixas, sopros e muita alegria e devoção.

O Reisado é uma tradição forte no Nordeste, e o Mestre é o regente do espetáculo, o verdadeiro mago que anuncia a chegada nas casas, que encanta e alimenta de sonho por onde passa.

Conhecido como Mestre Aldenir, ele está em atividade há mais de cinquenta anos com a prática do Reisado na região do Cariri. Um senhor muito sábio e simpático. O Reisado tem muitas histórias. Nesse ano celebra os 68 anos de sua tradição. O mestre Aldenir já participou de um desfile em uma escola de samba na cidade do Rio de Janeiro. Aos 87 anos de idade, o mestre ainda dança. O Reisado é uma homenagem feita no ciclo Natalino, tem muitas cores fortes em suas roupas e bastante brilho repleto de significados. Tem espadas, instrumentos, danças e peças contadas durante a apresentação. São vários personagens como a Burrinha, o Sapo, a Sereia.

Caua Araujo Rodrigues



Conhecido como Mestre Aldenir, ele contém um reisado que tem 68 anos de tradição e já participou de uma escola de samba no Rio de Janeiro. Tem vários personagens como a burrinha, o sapo, a sereia e etc... e aos 87 anos ainda dança.

Samuel Levy Lucena, Caua Araujo Rodrigues, Kaio Levi de Almeida e Francisco Horlando Teixeira da Silva Filho

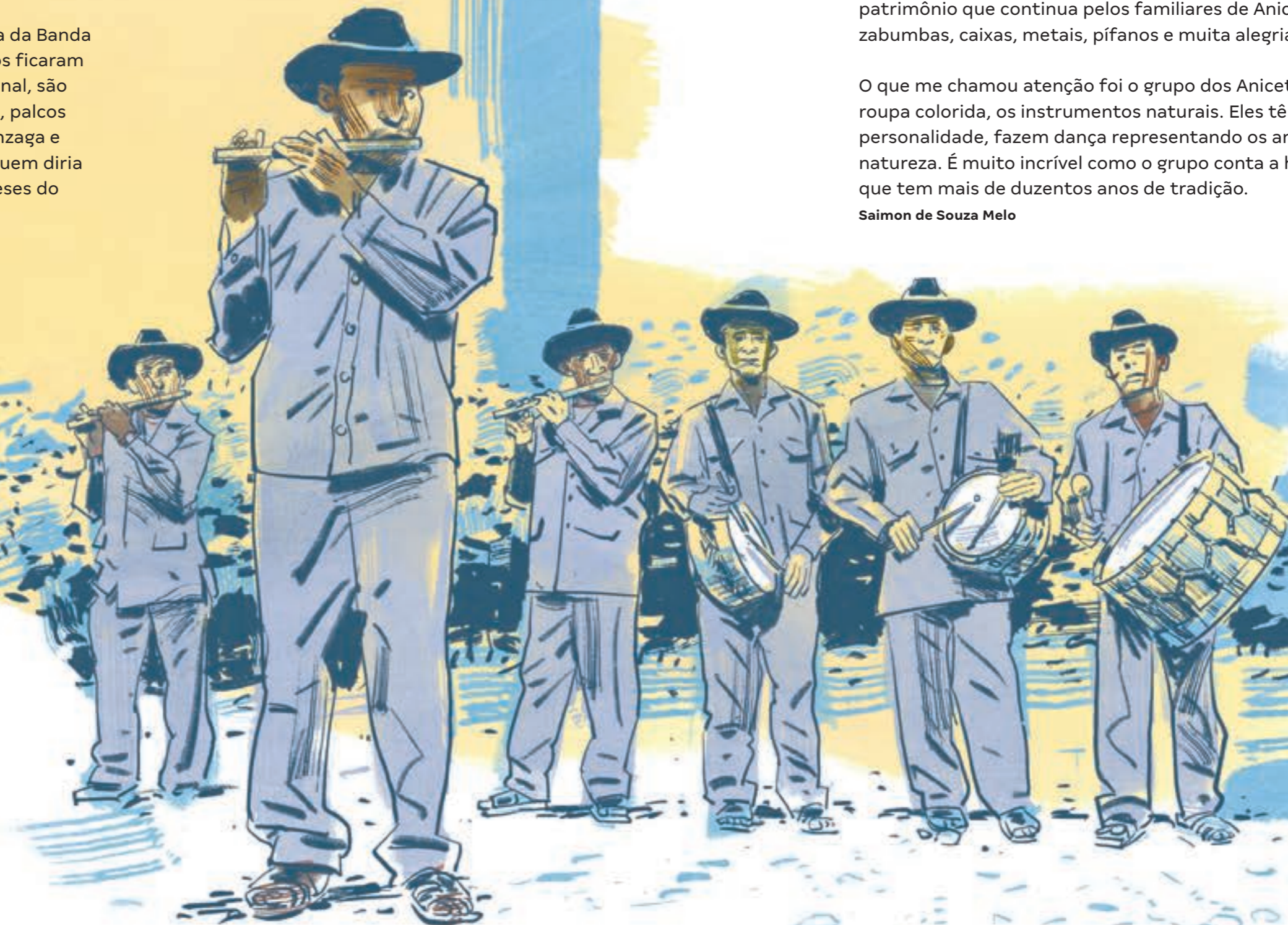
Considerado um dos mais importantes mestres do reisado do Cariri, recebeu o título de Tesouro Vivo da Cultura, através da Secretaria da Cultura do Ceará em 2004 e já participou do encontro de mestres do mundo. Vindo de uma vida humilde e criado na roça, Aldenir produz o seu reinado em vida e alegria.

Kewin Rhay Marreiros de Oliveira e Thaynara Thavila da Silva Barbosa

Irmãos Aniceto

Além de serem cativados pela música da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, os alunos ficaram impressionados com sua história. Afinal, são mais de duzentos anos de atividades, palcos divididos com artistas como Luiz Gonzaga e apresentações em diversos países. Quem diria que essas músicas sobre os camponeses do Cariri chegariam tão longe...

Na cidade do Crato
Tem um grupo popular
Sua história é de inovar
Com muita cultura
É expressão popular no pé de Serra
Samuel Levy Lucena, Caua Araujo Rodrigues
e Francisco Horlando Teixeira da Silva Filho



A banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto existe desde 1815. Foi criada por um descendente dos kariris, o mestre José Lourenço da Silva, conhecido por Aniceto. A banda é nosso patrimônio que continua pelos familiares de Aniceto em zabumbas, caixas, metais, pífanos e muita alegria e disposição.

O que me chamou atenção foi o grupo dos Aniceto, a sua roupa colorida, os instrumentos naturais. Eles têm muita personalidade, fazem dança representando os animais da natureza. É muito incrível como o grupo conta a história deles que tem mais de duzentos anos de tradição.

Saimon de Souza Melo

Mestra Zulene Galdino

Quando a turma chegou à casa da Mestra Zulene Galdino, onde acontecem muitas atividades como as danças do pastoril, do coco e do maneiro-pau, foi uma festa só. Até porque o professor Paulo César era um antigo aluno dela e ajudou a mostrar cada detalhe de instrumentos e figurinos das brincadeiras. Acreditam que ele até vestiu as fantasias?

A Mestra Zulene Galdino tem 72 anos. Ela ensinou muitas crianças a dançar quadrilha matuta, o pastoril, o coco e o maneiro-pau, que é uma dança típica da região do Cariri. Isso mostra que a cultura deve ser preservada e mantida viva. Descobri que minha cidade tem muita cultura, foi uma ótima experiência.

David Aparecido de Lima Gomes

O maneiro-pau é um folguedo gostoso de dançar e brincar, nascido na região do Cariri. Mestra Zulene, que nos recebeu em sua casa museu, terreiro encantado, é quem diz que a música e a dança espantam a tristeza. Sua casa é toda decorada de coloridos, retratos, sua imensa trajetória nas paredes e no coração. E ensina brincando para que a gente nunca se esqueça da beleza que guardamos como um sol em nossa cidade do Crato.

David Aparecido de Lima Gomes

Zulene garante que já nasceu com alma e postura de mestre. O conhecimento em danças populares, ela explica, estava dentro do coração quando colocou os pés no terreiro pela primeira vez. Assim, é aclamada em toda a região do Cariri pelo molejo do corpo, o esmero com os trajes, a habilidade com os instrumentos e a capacidade de montar coreografias.

O terreiro é sala de aula. E assim como ensina, a mestra aprende um pouco com cada criança que passa por lá. "Ela só tem filhos dos outros."

Maria Gabryelle Melo Arrais e Fernanda Wiliara Roberto Feitosa

MESTRE ELÓI TELES DE MORAIS

EEF Dom Quintino

Professora Rita de Cássia Mariano dos Santos

7º ano C

Por falar em mestres, este aqui é um que foi fundamental na história do Crato. Por isso mesmo é sempre chamado assim, com o título antes do nome. Mestre Elói foi escritor, locutor, folclorista e advogado, mas em especial foi um grande memorialista de nossa cidade. Por trinta anos apresentou o programa “Coisas do meu Sertão”, no qual contava histórias e divulgava a música e a poesia populares, sobretudo aqui da região do Cariri. Foi ainda o fundador e primeiro presidente da Academia de Cordelistas do Crato.

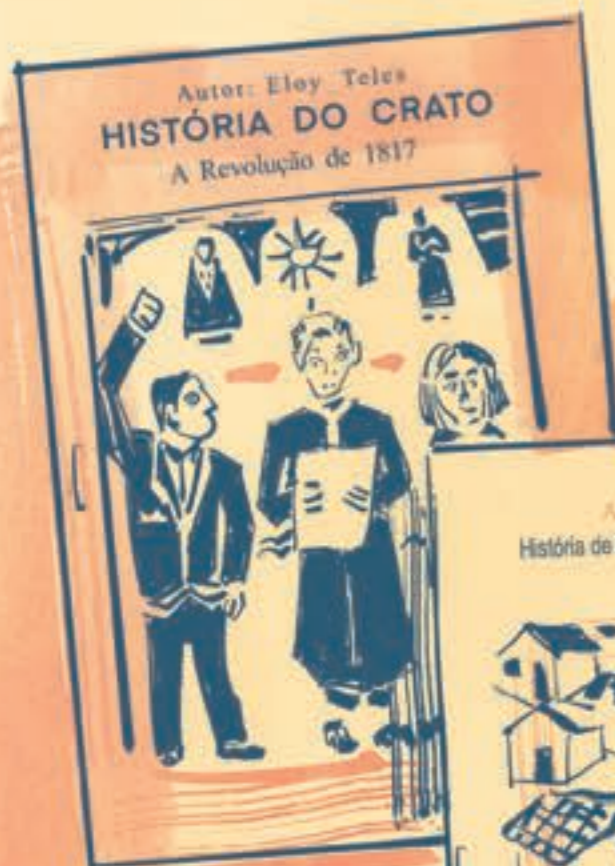
Os alunos conversaram com seu filho Catullo e ficaram encantados com a história. E vejam quanta poesia nasceu daquele dia.



A grande figura da região
Locutor, poeta e escritor,
Na faculdade de Direito se formou!
Esse é o Mestre Elói Teles,
Nosso querido produtor!
Era um grande jornalista,
Um programa apresentava,
Um poeta que divulgava música,
Dançava forró e muito agradava!
Apresentou o melhor programa,
“Coisas do meu Sertão” era seu nome,
Especializado em poesia matuta,
São muitos feitos desse homem!
Da Academia Cordelista do Crato,
Foi fundador e primeiro presidente,
Grande figura da nossa região,
Da arte foi um belo representante.
Raniele Soares Lima e Vitória Raillany Maia Rodrigues de Alencar



Homem de valor
Homem que lutou pela arte,
Nosso querido Mestre Elói Teles,
Morreu aos 64 anos apenas,
Mas ainda se tornou um célebre.
Preso quando estava em seu escritório,
Mesmo assim, lutou pela liberdade,
Um homem importante da região,
Partiu jovem, mas cumpriu sua missão.
Por mais de trinta anos,
“Coisas do meu Sertão” apresentou,
Programa preferido do meu avô,
Ressaltando versos com muito amor.
Um grande herói podemos enxergar,
Poeta popular, escritor e folclorista,
Enriqueceu e valorizou nossa cultura,
Saiu até em capa de revista.
Débora Vitória da Silva Petrole e Ellohá Maria Ferreira Martins



Um querido poeta

Em um grande dia,
Nasceu um grande homem,
Também muito famoso,
Revolucionou pelo seu nome.
Criador de poemas e cordéis,
Folclorista, advogado e locutor,
Expressou toda sua vontade,
Contando e encantando com louvor.
Foi preso injustamente pelo governo,
Mas depois se libertou,
Esse é o nosso Mestre Elói Teles,
Nosso querido poeta e produtor.
De acordo com entrevistas,
No Crato, ele não nasceu,
Mas durante muito tempo,
Da sua vida, lá viveu!

Ana Alicia Ferreira dos Santos e
Victor Freire Rodrigues

História de um grande homem
Seu nome é Mestre Elói Teles,
Grande poeta e folclorista,
Divulçou manifestações culturais,
Escrevendo cordéis e rimas.
Por sua grande sinceridade,
Na cadeia ele foi parar,
Filho da nossa cultura local,
Seu legado vai continuar.
Locutor, escritor e advogado,
Durante anos um programa apresentou,
Sua história por anos se espalhou,
Nascido no Cariri, uma lenda se criou.
Nosso querido Mestre Elói,
Poeta amado de coração,
Espalhou trabalhos incríveis,
Frutos para toda geração

David Laerte Fernandes da Silva e
Livia Manoele da Silva Nascimento



E Mestre Elói finaliza assim um grande cordel que escreveu sobre a história do Crato:

Aqui findo mais um verso
feito com muito carinho
talvez um tanto disperso
mas sem fugir do caminho
agora esfrio a memória
pra continuar a história
desse querido Cratinho.



FÁTIMA CORREIA E A ACADEMIA DE CORDELISTAS DO CRATO

EEIEF Raimundo Nonato de Souza
Professora Aline Lacerda Lima
7º ano B

A literatura de cordel chegou ao Brasil através da tradição ibérica dos trovadores. É oralidade pura, memória cantada e contada. Dizem os antigos que as palavras precisam sempre estar vivas e acesas como a chama de uma vela. E os poetas são velas iluminadas, trovadores modernos que buscam, remexem e compartilham o que há de mais genuíno na cultura do povo.

No sertão nordestino, o cordel se tornou uma grande tradição. E aqui no Crato então, isso parece até que dá em árvore de tanta riqueza em rimas. Temos até uma Academia de Cordelistas do Crato, para preservar a memória dos antigos rimadores e incentivar os mais novos em suas produções.

A Academia de Cordelistas não é um órgão público, e sim uma associação sem fins lucrativos. A Academia foi fundada em 1991 pelo poeta e comunicador Elói Teles de Moraes, para que a cultura de cordel não acabasse. Ele reuniu doze poetas, como Willian Brito, Josenir Lacerda, entre outros. Atualmente participam 21 poetas, um pesquisador, dois xilógrafos e um apologista. Segundo os poetas que participam da Academia não é um trabalho, e sim diversão, e dá muito orgulho. Cada poeta tem a obrigação de fazer um cordel por ano.

Beatriz Menezes Silva



Vocês viram nas poesias dos alunos sobre Mestre Elói que ele foi o fundador da Academia de Cordelistas do Crato, certo? Para falar desse tema, os alunos da Escola Raimundo Nonato, que como você já sabe fica no distrito de Dom Quintino (pertinho do açude, lembra?), escolheram uma “acadêmica” em especial, a Fátima Correia. Além de poetiza arretada, ela morou ali e foi professora da escola. E, para homenageá-la, não podia ser diferente, fizeram um lindo cordel.

Elói Teles de Moraes
Tirou o sonho do papel
Fundou a Academia de Cordelistas
Enriquecendo a cultura de cordel
Doze poetas se juntaram
Lá no início da história
Atualmente são vinte e um
Que trabalham por amor e memória
Dos vinte e um poetas
Tem a grande Fátima Correia
Que assim como os outros
Por cordelista se nomeia
Essa grande poetisa
Grande cordelista do Crato
Ocupa a cadeira dezoito
E tem seu trabalho admirado

Foi morar com os avós
Quando era pequena
E com o avô bravo
Mesmo assim era amada e querida
Quando estava crescida
Sua mãe lhe viu de volta
Foi para sua terra natal
Mas depois deu meia-volta
Foi morar em Dom Quintino
E lá fez carreira
Quando estava crescida
Foi professora de primeira
Estudou e se formou
Na Academia de Cordelista ingressou
Fez seu nome reconhecido
E merece tudo que conquistou
Hoje é aposentada e grande cordelista
Apaixonada por cultura
Desde criança demonstrava
Na poesia desenvoltura.

Produção coletiva



MUSEU LUIZ GONZAGA

EEIEF Raimundo Nonato de Souza

Professora Cicera Adriana de Andrade Ferreira

8º ano A

E esse rapaz chamado Pedro Lucas, será que é um novo mestre nascendo? Sua especialidade não é dançar, tocar ou cantar. O que ele fez, então? Um museu, iniciado quando era ainda criança, com oito anos, e agora já virou uma grande atração. E ele ilumina a imaginação das crianças porque como elas, foi estudante da Raimundo Nonato. O museu fica ali pertinho e colocou o distrito de Dom Quintino, mesmo distante do centro, no circuito cultural e turístico da cidade.

Museu Luiz Gonzaga

A história de um menino que se chama Pedro Lucas e desde sua infância com a criação de seus avós começou a ter interesse pelo rei do baião. Ele teve ideia de recolher materiais e começou o museu de Luiz Gonzaga em Dom Quintino. Ele teve muitas críticas, de seus próprios amigos, mas também teve amigos que o ajudavam a procurar materiais antigos.

Com o seu sucesso ele foi chamado por Rodrigo Faro para participar do seu programa e lá ele reencontrou sua mãe que não via há mais de três anos. Ele ganhou do Rodrigo Faro 10 mil reais para reformar seu museu e assim renovou e teve muito sucesso pela frente.

Maria Eduarda Leite Moreira, Rayssa Gonçalves de Lima e Lucas Paulino Bezerra da Silva

Em 2013, Pedro Lucas Feitosa chegou da escola cantando a música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, por conta de uma festa junina que sucedeu aqui na escola onde estudou, e desde então, Lucas começou a se interessar pela história do rei do baião e pela cultura nordestina que ele destacava. Logo, resolveu exibir a arte de Luiz Gonzaga no distrito em que habita, assim homenageando-o com um museu na casa onde sua bisavó já falecida morava. O museu foi crescendo e foi reconhecido internacionalmente. Dia 21 de abril de 2023, o museu completou seus 10 anos, com muitas relíquias da população do distrito e inclusive do próprio Rei do Baião.

Laís Alves da Silva, Micauni Costa da Silva e Vitor Marcelo Correia da Silva



O tema do museu é Luiz Gonzaga, mas ele reúne em seu acervo tudo o que pode sobre a saga do povo sertanejo. Mesmo para quem é daqui, a quantidade de memórias da região surpreende. E inspira.



Dez anos de história
De muita paciência
E tendo alegrias
E muitos dias de glória.
Mas tudo isso tem um motivo
Mostrar que você consegue.
Ele tinha oito anos
E construiu um museu,
Então o que te impede?
Vá e vença as batalhas.
O meu Deus, quanta sanfona
Empreita a música e a arca
O palco nordestino
E o povo brasileiro.
Eu retrato nesse cordel
Um patrimônio lindo do distrito
Do Crato, Ceará e Nordeste
Que até em Londres passou.
Eu vi de tudo, de televisão
Até São Sebastião.
De tijolo até assento
Pobre banco, serviu a tantos
Distribui conforto
Para todos que o ver.
Pedro Jorge Macedo Teixeira,
Pedro Yan dos Santos Lino

A realização de um sonho

Em uma tarde animada
Um menino da escola chegou
O nome dele é Pedro Lucas
Cheio de sonhos ficou,
Chegou da escola cantando
Uma música do rei do baião
A música era “Asa branca”
Que encantava todo sertão
Todas as vezes ele errava
Mas a tia consertava
Era tanta emoção
Em ouvir essa canção
Que fez nascer um sonho
Por Luiz rei do baião
Desde pequeno muito novo,
Uma emoção lhe apossou,
Depois de uma visita ao museu
Na cidade do Exu,
O menino sonhador
Cheio de sonho ficou
Então surgiu a ideia,
E um museu ele criou
Na casa de sua bisavó
Já falecida que tanto a amou

Começou a juntar objetos
Para a expansão da ideia
Com a ajuda da população
Que fazia uma boa ação.
Com relíquias, fotografias e materiais
Que retratava o rei do baião.
No distrito de Dom Quintino
Pedro nasceu e cresceu,
Neste lugar que habita
Muitas histórias nasceu.
O museu foi crescendo
E sendo reconhecido
Foi premiada até em Londres
Pela Foreign Press Association
Que orgulho do menino
Que teve o sonho realizado
Em Londres teve documentário
Com o tema tão sonhado
“o menino que fez museu”
Deixando ali a sua história.

Aqui termino os versos
Que contam uma grande história
Do menino Pedro Lucas
Que realizou o grande sonho
De levar o rei do baião
Para todos os lugares.

Laís Alves da Silva,
Vítor Marcelo Correia da Silva



O Museu Luiz Gonzaga é pequenino, montado dentro de uma antiga casa dos avós de Pedro, mas quando ele começa a falar e apresentar a importância de cada objeto, ou de cada quadro na parede, aquilo ganha a dimensão do universo. O universo da nossa cultura, da cidade da gente.

“Cratinho de açúcar, coração do Cariri.”

Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Texto final: Luciana Nabuco e Otavio Nazareth
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Geovana Martinez
Ilustrações: Olavo Costa e Jordí
Revisão: Fernanda Alvares
Produção editorial: Isabella Soares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

N117c

Nabuco, Luciana.

Crato : a cidade da gente / organização Luciana Nabuco e Otávio Nazareth ; ilustrações Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2023.

80 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-94-2

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades. 5. Natureza. 6. Costumes. 7. Crato (CE). I. Nazareth, Otávio. II. Costa, Olavo. III. Título.

CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366



patrocínio



produção executiva



realização



© 2023 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica Margraf sobre papel offset 120g em novembro de 2023.

Luciana Nabuco

Jornalista, tradutora, escritora e artista visual, nasceu no Acre e desde 2003 trabalha com a temática afro-indígena brasileira.

Otávio Nazareth

Sócio e editor da Olhares, co-autor de livros sobre temas sobre a história e a cultura brasileiras.

Olavo Costa

Quadrinista e ilustrador paulistano, adora desenhar desde criança. Formou-se em Artes Plásticas pela ECA-USP e, em mais de dez anos de carreira, ilustrou para revistas, jornais, álbuns de quadrinhos e dezenas de livros infantis e infanto-juvenis em parceria com escritores e artistas como Lourenço Mutarelli, Vincent Villari e Regiane Alves.

Conheça os alunos e professores que são coautores deste livro



CRÉDITO DOS ALUNOS E PROFESSORES PARTICIPANTES

EEF Estado da Paraíba

Diretora

Maria Do Socorro Gonçalves Brito

Coordenador Pedagógico

Paulo César Bento da Silva

Professores

José Henrique M. Silva

Paulo César B. da Silva

Sandra Maria Xenofonte Sousa

Jucileia T. Muniz

Jeania de Brito Gonçalves

8ºA

Aghata Luiza da Silva

Alice Helena Machado de Almeida

Allef de Sousa Rodrigues

Ana Livia Ribeiro Machado

Anna Julia Oliveira Soares

Anne Hellen Pereira Lobo

Barbara Hellen Domingos Matos

Carlos Henrique da Silva Ferreira

Carlos Henrique de Almeida Oliveira

Cicero Dhuarum Crispim Braz

Elyzabeth Silva Costa

Enzo de Souza Lima

Erick Machado Nascimento

Erlane Nascimento de Sousa

Fernanda Matos Monteiro Fernandes

Francisca Bianca Araujo Ribeiro

Francisca Juliana Vilar Gomes

Gabriela Xenofonte de Brito

João Vinicius Souza Oliveira

João Vítor Mendonça dos Santos

Jonatha Iago Lima dos Santos

Josefa Joicy Botelho Santana

Joyce Brasil Felipe

Luan Nataniel Candido Cavalcante

Maria Amanda de Sousa Lima

Maria Eduarda da Silva Rodrigues

Maria Eduarda Lourenço Ventura

Maria Emilia Souza Leite

Maria Gabriela Batista

Cardoso de Menezes

Maria Jhenykele Silva Ribeiro

Maria Leticia Ferreira de Sousa Borges

Maria Nabell Dutra Souza

Maria Rita de Oliveira Dutra

Maria Vitoria de Souza Feitosa

Miguel Rocha Andrade Nunes

Paulo Luan Mota Pereira

Pedro Henrique Gomes Coutinho

Pedro Lucas da Silva Caetano

Thiago Ravi Barbosa Monteiro

Thyallen Fatima da Silva Higino

Weskley David Lemos Duarte

Williany Isabely Alves de Brito

8ºB

Abner Muniz da Silva

Ana Caroline Domingos de Sousa

Ana Davila Oliveira de Souza

Ana Lara Araujo R. de Lima

Ana Livia de Matos Nascimento

Angelina Hadassa Sales de Sousa

Antonio Israel Alves de Oliveira

Ariane Huno Sousa de Montes

Brenno Lucas Siebra S. Brito

Francisco Alberto Ribeiro Sobrinho

Francisco Everton Barreto dos Santos

Francisco Gabriel Pereira da Silva

Ingridy Maria Ulisses de Souza

Isabelle Sauane Bezerra Rodrigues

João Pedro Alves da Silva

Jonas Soares Sobrinho

Jordana Domingos Silva

Jose Alysson Muniz Silva

Karen Emanuely Pereira da Silva

Leticia Cardoso Teles Damasceno

Levy Costa Araujo Sousa

Luciano Gabriel Paiva de Oliveira

Marcelo Antony Fernandes Duarte

Marcio Gabriel Leandro dos Santos

Maria Clara Alves Barboza

Maria Clara Amorim Rodrigues

Maria Eduarda da Silva Leonardo

Maria Emilly Modesto Do Nascimento

Maria Isabele Oliveira Lisboa

Maria Luisa Arcoverde Moreira

Marina Kethley Pereira de Souza Silva

Pablo Miguel Queiroz Santana

Pedro Lucas Rodrigues Santos

Ravena Maria Paes Landim Bezerra

Rayron Cardoso Moreira

Sadryne Ketlen Mateus Correia

Sophia Vieira Angelo

Tavily Lauany Freitas Silva

Vítor Hugo Soares Do Nascimento

Yasmin Alves de Sousa

COMVIDA

Ana Giullia dos Santos Rodrigues

Andersiely Zeneida Oliveira de Almeida

Ariane Farias Guilherme

Aysla Samyla Cavalcante Freitas

Dafyne Vitoria Guedes de Lima

Eliás Ramon Bezerra Nicolau

Emilly Lira Pereira

Hector Levy Menezes Nunes

Joana D’arc Pociano Barbosa

João Emanuel Guerreiro Lima Gondim

Juan Guilherme de Souza Teles

Livia Clara Fernandes de Sousa

Maria Bianca Augusto Vieira

Pedro Roberto Siebra dos Santos

Talles Vinicius Lima Barros

Tallys Lira Pereira

Yngrid Cristina Luna de Lima

EEF Dom Quintino

Diretora

Maria Otília Pereira Moreira.

Coordenadora

Ana Valéria Gonçalves de Menezes

Professor

Esdras Do Nascimento Ribeiro

Rita de Cássia Mariano dos Santos

8º A

Agata Grazielle Soares Dias

Alison Devid Nascimento Sales

Ana Julia Peixoto Fonseca

Ana Luiza Alves Coelho

Ana Luyza Ribeiro Menezes

Angela Estefania Maria da Silva

Anna Livya Rodrigues da Silva

Arthur Teles Carvalho

Bruna Barreto de Araujo

Camilly Vitoria Bezerra de Sousa

Dhavylla Alves Pereira dos Santos

Diego Levi Oliveira Alves

Eberth Gomes de Oliveira

Evelyn Esmeraldo de Sousa

Guilherme Batista Ferreira

Gustavo Belem de Sousa

Halyson Francelino Borba

Hemerson Higor Bezerra Brito

Italo Davi da Silva Soares

Joao Antonio de Brito Mascarenhas

Joelysson Ryan da Silva Souza

Jonas Paulo Sales Leite de Oliveira

Jose Gabriel Do Nascimento Silva

Jose William de Carvalho Ulisses

Kaio Bruno Do Nascimento Cordeiro

Kauan de Matos Ferreira

Larissa Feitosa Ferreira

Maria Letticya Luciano Lima

Pedro Ibson da Silva Sousa

Pedro Isaac Nogueira Silva

Pedro Israel da Silva Freitas

Rayane Goncalves Feitosa dos Santos

Rayla Valeria Pereira da Silva

Rian Wagner Nunes Alencar

Saulo Queiroz Silva

Ysabelle Maria Vanderlei Dias

8º B

Alysson Vinicius Leite Costa

Ana Luysa Feitosa Oliveira

Brenda Kessia Cordeiro Linhares

Brenda Lima Ferreira

David Iarley Lopes de Castro

Giovanna Lima Alencar

Gustavo Alves Macedo

Ikaro Ryan da Silva Oliveira

Isabella Queiroz Fernandes da Silva

Jalison Macedo de Souza

Jhonny Alefe Sousa Caldas

Joao Wandson dos Santos Alves

Kaio Rafael Queiroz da Silva

Luan Ferreira Lemos

Luciano Gabriel da Silva de Moraes

Luiz Fillipe Crispim dos Santos

Marcos Pereira Barros

Maria Clara Gomes dos Santos

Maria Dayanne Silva Frazao

Maria Julia Pereira da Silva

Maria Laysa Mariano dos Santos

Marilia Isabelle da Silva Machado

Mayra Amorim Barreto Batista

Nara Pinheiro de Sousa Ferreira

Naylisson Roberio Costa Santiago

Pablo Juan Feitosa de Araujo

Paulo Vítor Oliveira de Sousa

Pedro Cassiano Do Nascimento Silva

Pedro Lucas Modesto de Sousa

Tailan de Sousa Alvilino

Taysson Gabriel Lacerda da Silva

Vinicius de Sousa Oliveira

Vítor Gabriel Elias Gomes

Vitoria Isis Duarte Alves de Almeida

8º C

Alice Oliveira Rocha

Ana Alicia Ferreira dos Santos

Ana Caroline Silva Santos

Anny Stephany dos Santos

Cicero Mateus Macedo Pereira

David Gabriel Sousa Silva

David Laerte Fernandes da Silva

Debora Vitoria da Silva Petrole

Elloha Maria Ferreira Martins

Iohanna Gomes Ferreira Moura de Oliveira

Isabelle Neri Fernandes

Italo Gabriel Rodrigues Ribeiro

João Guilherme dos Santos Geronimo

Kyara Pereira Maceno

Laila Sophia dos Santos Brito

Lara da Silva Sousa

Lara Emilly Silva Pereira

Livia Manoele da Silva Nascimento

Luiz Henrique Barbosa da Silva

Maciele Silva de Almeida

Maria Alice dos Santos Lima

Maria Clara Alves de Souza

Maria Eduarda Gomes Tavares

Maria Eduarda Lopes Sales

Maria Eduarda Santos de Sousa

Maria Rayssa Delfino Martins

Pablo Vinicius Queiroz Santana

Pedro David Batista Cassiano

Pedro Lucas Silva Calixto

Raniele Soares Lima

Victor Freire Rodrigues

Vitoria Feitosa de Brito

Vitoria Raillany Maia Rodrigues de Alencar

Yasmin Vitoria Silva Brito

Ysabely Emanuely Ribeiro dos Santos

EEIEF Raimundo Nonato de Souza

Diretora

Rejane Dias Siebra Rocha

Coordenadora

Luciana Maria de Sousa Ribeiro

Professoras

Cicera Cristina Cardoso da Silva

Aline Lacerda Lima

7° A

Alisson Alves da Silva

Ana Beatriz da Silva Barbosa

Ana Laíza Vieira de Andrade

Antonia Yarla Máximo Cavalcante

Cleilson Lima da Silva

Emanuel Benedito Jacinto Correia

Gabriel Alves Matias Santos

Gabriel Ryan de Souza Oliveira

Gustavo Rodrigues Cardozo

Hendrel Lucas Honorato de Araújo

Isabelly Moreira Santos

Jean Ferreira de Pinho

João Filho Davir Brito Avelino

Láila Sophia Sousa Duarte

Lara Marina Silva Sousa

Lucas Ramalho de Lima

Maria Concebida Dutra da Silva

Maria Ranieli Gonçalves de Sousa

Pedro Henrique da Silva

Raissa Vitória Ferreira Dutra

Ray Ferreira Dantas

Tháylla Victória Alves de Sousa

Victor Kawã Paulino Do Nascimento

Vitória Salviano Correia da Silva

Yasmin Silva Messias

7° B

Ana Beatriz Brasil de Lima

Ana Laíza Alves de Matos

Ana Lúvia Pereira Queiroz

Andreive Rodrigues Moreira

Beatriz Menezes Silva

Caio Bruno Rodrigues Sousa

Cicero Kaio Casimiro Matos

Clara Iasmin Pinheiro Alves

Daniely da Silva

Edmilson Pereira da Silva Neto

Gabriel Gonçalves da Silva

Hugo Belo Viana de Souza

Janes Pereira Silva

Kaio Leandro Oliveira

Karla Rafaela Do Monte Santos

Kayque da Conceição Moreira

Luan Gonçalves Esmero

Lucas Gabriel Barros de Lima

Manuela Viana Avelino

Maria Aparecida Dutra da Silva

Maria Eliene da Silva Costa

Maria Jordania Pereira de Lima

Maria Larissa Oliveira Sousa

Marina Viana Avelino

Mirela Paulino de Morais

Pedro Henrique Matos de Sousa

Victor Gabriel da Silva Santos

Vitor Julio da Silva

8° A

Andressa Ricarto da Silva

Carlos Gabriel de Lima

Cicero Levi de Matos Pereira

Edson Monteiro Silva

Emanoel Carlos da Silva

Gustavo de Lima Silva

Joaquim Venicio Carneiro de Sousa

José Ricardo Bernardo de Sousa

Keirrison Duarte Carlos

Laís Alves de Lima

Lucas Paulino Bezerra da Silva

Marcos Vinicius Alves da Silva

Maria Eduarda Eufrasio de Sousa

Maria Eduarda Leite Moreira

Maysa Duarte Lima

Micauani Costa da Silva

Pedro Jorge Macêdo Teixeira

Pedro Levi Matos de Oliveira

Pedro Yan dos Santos Lino

Rayssa Gonçalves de Lima

Rayssa Isabelly Rodrigues Brasil

Samuel Brito de Oliveira

Sara de Sousa Lima

Sofia Leite Silva

Thays Coelho Leite

Victor Marcelo Correia da Silva

Wesley de Matos Lima

Ysabela Nogueira Silva

8° B

André Dayvisson Cavalcante Silva

Cicero Mateus Leandro de Sousa

Claudemi Kevi de Matos Lima

Grazielly Cavalcante dos Santos

Gustavo Gonçalves da Silva

Inacia Damiana dos Santos

Jorge Gabriel Alves de Oliveira

José Ytalo Mendes Avelino

Kauê Matos Alexandre

Kayo Matos Alexandre

Leandro Alves da Silva

Lindemberg de Souza Silva

Lucas Menezes de Abreu

Maíza Marcolino Pereira

Maria Jenice Gonçalves da Silva

Mayara Cavalcante de Matos

Pedro Henrique Matias Gonçalves

Pedro Lucas de Alcântara Gonçalves

Raiane de Melo Rodrigues Santos

Renan Mikéyas Calixto de Lima

Renata Kecya Pereira de Sousa

Tiago Santos Dias

EEIEF Prof. José Do Vale Arraes Feitosa

Diretor

Antonio Claudio Gregorio

Coordenadora

Ana Jaqueline de Brito Sousa

Professores

Erivaldo Vieira Do Nascimento

Paulo Cesar Do Nascimento

Cleonice Vitorino da Silva

6° A

Alysson Rian Rodrigues de Oliveira

Arthur Almeida Simiao

Beatriz Yasmim Felix de Sousa

Emerson Pereira dos Santos

Enzo Gabriel Mendes Brito

Erika Viviany Ferreira da Silva Souza

Gloria Maria Cardoso

Botelho Nepomuceno

Gustavo Rhyan Marinho Batista

Isaac Filgueiras Silva

Joao Gabriel da Silva Gregorio

Julio Cesar Silvestre Ferreira

Kayllani Vitoria da Silva Vieira

Maisa Evelin Pereira dos Santos

Maria Eduarda Alexandre Souza

Maria Gabriela Silva Caraubas

Maria Larah Menezes Nunes

Maria Vitoria de Sousa Bezerra

Maycon Rodrigues Tavares dos Santos

Pablo Kauan Alves dos Santos

Pedro Henrique Oliveira Mariano

Pedro Victor Oliveira Maroto

Jose Micael Cardoso Bezerra

Victor Gabriel Souza Feitosa

Yorrana Santos Lima

Raissa Pamela Rodrigues Simao

6° B

Alicyah Bezerra Frazao

Ana Esther Nogueira Rodrigues

Anna Nicolle da Silva Oliveira

Carlos Gabriel Alves Vicencio

Cicera Adriele Saraiva da Silva

Demylly Sophya dos Santos Dantas

Emanuely Rodrigues Macena

Enzo Dhiego Egidio Pinheiro Costa

Evelyn Vitoria Gomes Goncalves

Francisco Lucas Francelino Gomes

Gabriel Rodrigues Lima

Helena Cristina Alves da Silva

Heloia Ferreira Cordeiro

Hiago Nathan dos Santos

Jayane de Sousa Silva

Jheniff Vitoria Sousa de Lima

Joao Pedro Saraiva de Oliveira

Jose Davi dos Santos Oliveira

Julio Cesar Lima Gusmao

Kelly Lawany Ferreira Oliveira

Leticia dos Santos Cruz

Lorena Luise de Sousa Alves

Maria Eduarda de Oliveira Sousa

Monica Darly Gadelha de Souza Silva

Myzael Saraiva Barboza

Raimundo Ismael Soares Rodrigues

Ycaro Gabriel Romualdo de Lima

6° C

Ana Julia Bezerra de Sousa

Ana Vitoria Alves Vieira

Bruna Kauane dos Santos Leite A Silva

Cicero Kaue Costa Pereira

Evillyn Eduarda Cruz Lima

Francisco Kauan Ferreira da Silva

Gilderlanio Paz Pereira

Ibertson Davi Silva Do Nascimento

Jennerson Kauan Goncalves

Do Nascimento

Josiane Monteiro Silva

Layon Victor Dantas Ribeiro

Maria Alexia Cardoso dos Santos

Maria Amanda de Lima Santos

Rayssa Almeida Santana

Shaywan Lee Jofan Ferreira da Silva

Vitor Lucas Oliveira Lima

Miguel Wagner Soares Silva

Ytalo Rafael de Souza Rodrigues

Nagila Dandara Bezerra de Castro

Antonio Freire da Silva Junior

Antonio Levy Ribeiro de Andrade

Jose Kaua de Sousa Dantas

Pedro Miguel Mendes de Souza

Nicolas Daniel Martins dos Santos

6° D

Ana Paula Silva Santos

Cicera Leticia Oliveira Saraiva

David Aparecido de Lima Gomes

Fernanda Wiliara Roberto Feitosa

Francisca Marilha Oliveira Silva

Francisco Horlando Teixeira da Silva Filho

Francisco Levi Ferreira da Silva

Francisco Luiz Otavio Barbosa Targino

Jennifer Vitoria Rocha dos Santos

Jucelio dos Santos Morais

Kevin Rhay Marreiros de Oliveira

Maria Gabryelle Melo Arrais

Pedro Rian Ferreira Santana

Rosa Grazielly Ribeiro da Silva

Samuel Levy Lucena Rodrigues

Saymon de Souza Melo

Thaynara Thavila da Silva Barbosa

Yara Dafiny Ferreira Alves

Kaio Levi de Almeida Silva

Kaio Danilo Ferreira Rocha

Caua Araujo Rodrigues de Sousa

Pedro Henrique Bruno Justino

Adriel Barbosa Silva

Maria Layslla da Silva Lima

Era uma vez Crato. Um dia as crianças e adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... A Chapada do Araripe, os mestres da cultura, a praça Siqueira Campos e outros patrimônios fazem parte dessa história, contada pelos estudantes das escolas municipais da cidade.



patrocínio



produção executiva



realização

MINISTÉRIO DA CULTURA

